

LEI ANTI-CORRUPÇÃO

MINISTÉRIO PÚBLICO CÓDIGO PENAL

LEI DE PROIBIDADE PÚBLICA

ANTICORRUPÇÃO

Centro de Integridade Pública

Anticorrupção - Transparência - Integridade Edição N° 7/2018 - Julho - Distribuição Gratuita

Heroína continua sendo uma das maiores exportações

Por: **Joseph Hanlon**

Traduzido por: **Maria de Lourdes Torcato**

Há duas décadas que a heroína tem vindo a ser uma das maiores exportações de Moçambique e o negócio continua a crescer. Produzida no Afeganistão, passa pelo Paquistão a caminho do porto que a traz por mar até à África Oriental e particularmente ao Norte de Moçambique.¹

A partir daqui vai por estrada até Joanesburgo, para ser enviada para a Europa. Esta rota tem se mantido invariável há 25 anos. Estima-se que todos os anos se movimentam entre 10 e 40 toneladas de heroína, ou mesmo muito mais, através de Moçambique. Com um valor de exportação de 20 milhões de US \$ por tonelada², a heroína é provavelmente o maior, ou o segundo maior, produto exportado, logo a seguir ao carvão.³ Estima-se que pelo menos 2 milhões de US \$ por tonelada ficam em Moçambique, na forma de lucros, subornos e pagamentos a figuras seniores Moçambicanas.

1 UNODC, "Market analysis of plant-based drugs", World Drugs Report 2017 Booklet 3, p 18; Centro Europeu de Monitoria de Drogas e Dependência de Drogas, "EU Drugs Market Report 2016", Lisboa: 2016, pp 86-7; Departamento do Estado dos Estados Unidos, "2017 International Narcotics Control Strategy Report Volume I", Washington, 2017, p 252; "The Smack Track", The Economist, 15 Jan 2015.

2 Muito variável. O preço ao consumidor na Europa também varia entre 30 US\$ a 300 US\$ por grama, isto é 30 a 300 milhões de US\$ por tonelada.

3 Oficialmente, as cinco maiores exportações de Moçambique em 2016 foram: 687 milhões de US\$ de carvão, 378 milhões de US\$ de electricidade, 378 milhões de US\$ de alumínio, 370 milhões de US\$ de gás e petróleo e 208 milhões de US\$ de tabaco.

Até há pouco tempo o negócio era levado a cabo por famílias de origem sul-asiática baseadas no Norte de Moçambique e estritamente controlado pelas individualidades mais senhores do Partido Frelimo. O negócio é bem conhecido desde 2001 quando foi publicado um artigo sobre tráfico de drogas no Metical.⁴ Não se tem conhecimento de guerras pela droga entre famílias detentoras dos negócios da droga e pouca heroína fica em Moçambique.⁵ Em resultado disto, e com uma única excepção (os EUA em 2008-2010), a comunidade internacional tem optado por ignorar o negócio regulado da heroína. Outros assuntos, desde o gás à corrupção, são vistos como mais importantes.

Alterações a nível nacional e internacional estão a mudar o quadro e o tráfico começa a ter uma importância cada vez maior. No Afeganistão está a aumentar a produção de heroína. Mas o controlo mais apertado no trânsito pela Europa de Leste está a transferir as rotas para sul ao mesmo tempo que um maior controlo da importação pelo Quénia e pela Tanzânia resulta em cada vez mais desembarques no norte de Moçambique. Esta mudança conduziu a uma investigação da Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional⁶ baseada em Genebra que acaba de ser publicada: *"The Heroin Coast: The political economy of heroin trafficking along the eastern African seaboard"*, por Simone Haysom, Peter Gastrow e Mark Shaw.⁷ O relatório argumenta que o tráfico de heroína tem "protecção política" e que "em Moçambique, encontramos uma notória integração entre figuras do partido no governo e traficantes." O relatório prossegue: "indivíduos na Frelimo passaram a estar implicados em actividades criminosas e...o próprio sistema partidário para gerar fundos assenta na ausência de um Estado de Direito."

O relatório presente baseia-se no artigo de fundo sobre Moçambique escrito para a Iniciativa Global por Joseph Hanlon.⁸ Estudos recentes mostram que houve nos últimos tempos mudanças significativas no modo como o comércio da heroína é controlado. Apesar deste negócio ser bem conhecido das embaixadas, só em 1 de Junho de 2010 o Presidente Barack Obama dos EUA designou Mohamed Bachir Suleman (MBS) como um "barão da droga", declarando ser ilegal para cidadãos e companhias dos EUA, ou quaisquer companhias operando nos EUA, fazerem transacções comerciais ou financeiras, com MBS ou três das suas empresas. Acredita-se que MBS ainda controla uma grande parte do negócio da heroína que passa por Moçambique, mas a importância da sua posição e das famílias a ele ligadas parece ter diminuído.

Por outro lado ocorre na África Oriental uma tendência que reflecte a tendência global adoptada pela Uber e Airbnb, que consiste em abandonar o modelo rígido de redes de negócios e armazéns substituindo-os por sistemas informais de trabalhadores por conta própria, supervisionados através do WhatsApp e BlackBerry. Entretanto, a pequena corrupção tornou-se de tal modo endémica dentro de Moçambique que os negócios fazem-se com subornos e já não são precisos "padrinhos" políticos.

4 Joseph Hanlon, "O grande negocio da droga", Metical 1017, 28 Junho 2001. Metical foi o jornal por fax com maior número de leitores, fundado por Carlos Cardoso, que viria a ser assassinado em 2000. Em Português e Inglês. "Drugs now biggest business" em <https://www.open.ac.uk/technology/mozambique/sites/www.open.ac.uk/technology/mozambique/files/pics/d135483.pdf>

5 Em termos de tráfico, a heroína é a única droga importante. A cannabis herbácea produzida em Moçambique é exportada para a África do Sul; há comércio de haxixe, ligado ao negócio da heroína; e o mandrax (Methaqualone) é manufacturado para a África do Sul em fábricas situadas em Maputo e onde são regularmente feitas rusgas, como está publicado no Notícias de 7 de Abril 2017. Estas três substâncias não são tratadas como importantes pelas autoridades de controlo. Dentro de Moçambique, o álcool e a soruma (cannabis) são as drogas principais e não há um grande mercado para drogas pesadas; heroína e cocaína são consumidas localmente (o crack em Maputo vende-se na rua) mas não em grandes quantidades. A heroína aparentemente é sobretudo fumada e não injectada.

6 Global Initiative Against Transnational Organized Crime; globalinitiative.net/ <https://enactafrica.org>

7 Simone Haysom, Peter Gastrow e Mark Shaw "The Heroin Coast: The political economy of heroin trafficking along the eastern African seaboard", Genebra: Iniciativa Global Contra o Crime Organizado Transnacional, <http://globalinitiative.net/>. A seguir: Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

8 Obrigado também a dois jornalistas moçambicanos

Uma das minhas fontes⁹ chama a isto “crime desorganizado”, que aparentemente é o responsável pelo novo crescimento do negócio da heroína.

O secretismo do negócio da heroína faz com que mesmo fontes bem informadas não estejam de acordo em duas áreas, nomeadamente: (i) a partilha do negócio no antigo sistema de crime organizado e a rede de famílias e de partilha no novo sistema de crime desorganizado, e (ii) em relação à importância de diferentes rotas do tráfico da heroína da África do Sul para a Europa.

Há alguns anos atrás houve uma vaga de heroína adulterada e agora os compradores exigem a marca de um fornecedor conhecido do Afeganistão. Cada vez mais a heroína aparece em pacotes de 1 kg marcados com logótipos, por exemplo um aperto de mãos, Tokapi, Africa Demand, e 555. Também e cada vez mais, como parte do negócio descentralizado, os compradores europeus podem contactar directamente um negociante do Dubai e pedir uma marca, mas a carga pode conter encomendas misturadas que são depois separadas em Joanesburgo ou no armazém em Maputo, de acordo com instruções enviadas por WhatsApp ou BlackBerry.



Pacotes de 1 kg de marcados com 555 e um logo. Foto de drogas apreendidas depois de atravessarem de Moçambique para a África do Sul, cedidas por The Hawks (falcões), Direcção Sul-africana para Investigação do Crime Prioritário.

Este artigo divide-se em quatro secções. A primeira descreve aquilo que é conhecido sobre o negócio da heroína em concreto e os movimentos dentro de Moçambique. A segunda secção fala de MBS, o maior negociante de heroína. A terceira é sobre a política nacional e internacional do negócio regulado da heroína em Moçambique. A secção final trata do crescimento recente do negócio paralelo não regulado.

⁹ O relatório da Iniciativa Global nota que “para encorajar a sinceridade e proteger as nossas fontes” não cita nomes e em certos casos nós não damos nomes aqui.

As rotas do tráfico da heroína

Moçambique é essencialmente um centro de trânsito para heroína. Como qualquer outra mercadoria, existe uma cadeia de fornecimento e os pontos entre o produtor e o comprador final onde ela tem de ser armazenada enquanto espera uma encomenda ou é pelo menos réempacotada para satisfazer uma encomenda, e este é o papel de Moçambique. No nosso caso, a cadeia começa no Afeganistão com a produção do cloridrato de heroína – um pó branco ou blocos de cristais cinzentos - passa através do Paquistão (e Irão) e é depois transportada até ao norte de Moçambique. Aqui entra no armazém, é réempacotada e segue por terra até Joanesburgo. Daqui é levada para a Europa.

Moçambique tem 2300 km de comprimento mas existe apenas uma estrada norte-sul, a N1, estrada essencial para o trânsito da heroína. A guerra de 1982-92 cortou esta estrada e devastou a economia do país. A guerra terminou em 1992 e a estrada foi reaberta por volta de 1995, o que revitalizou substancialmente o comércio e não tardou a incluir o trânsito da heroína.¹⁰

Esta secção trata das três vias para Moçambique (mar, contentor, estrada), a passagem através de Moçambique, e o envio via África do Sul.

Chegada: por mar

Durante séculos, negociantes navegando nos seus barcos tradicionais, os dhows, usaram os ventos para seguir as rotas do Paquistão até à África Oriental. Nos nossos dias, os dhows de madeira equipados com motor, cruzam o Mar Árábico directamente, embora ainda evitem o período de ventos fortes e tempesteadas das grandes monções, de Junho a Agosto.¹¹ A heroína é embarcada na costa de Makran no Irão e Paquistão, e transportada para os destinos habituais nas praias do Quénia, Tanzania e Norte de Moçambique. Habitualmente os dhows são do tipo Jelbot em madeira, com motor, construídos nos Emiratos Árabes Unidos e concebidos para a pesca no mar. O seu comprimento mais comum é de 15 a 23 metros, o que lhes permite navegar no mar alto mas sendo suficientemente pequenos para não serem detectados nas fotografias de satélite ou pelos barcos de patrulha. São providos de compartimentos escondidos que podem carregar 100 a 1000 Kgs de heroína. Se são mandados parar, passam facilmente por barcos de pesca. Forças Combinadas da Marinha que patrulham o Oceano Índico Ocidental apreenderam assim mais de 9.3 toneladas de heroína em três anos, 2013-6.¹² Foi-me dito que só na primeira metade de 2017 foram apreendidas 3 toneladas de heroína em barcos no Oceano Índico.

Moçambique não tem guarda naval ou costeira operacional pelo que carece de controlos ao

¹⁰ Carina Bruwer da University of Cape Town escreveu sobre isto dois artigos: "Heroin trafficking through South Africa: why here and why now?", The Conversation, 15 de Agosto 2017, <https://theconversation.com/heroin-traffic-through-south-africa-why-here-and-why-now-81627> e "From Afghanistan to Africa: Heroin trafficking in East Africa and the Indian Ocean", Daily Maverick 21 de Junho 2016, <https://www.dailymaverick.co.za/article/2016-06-21-from-afghanistan-to-africa-heroin-traffic-through-east-africa-and-the-indian-ocean/#>

¹¹ Julian Whitewright, "The maritime rhythms of the Indian Ocean monsoon", University of Southampton mooc, <http://moocs.southampton.ac.uk/shipwrecks/2014/10/02/maritime-rhythms-indian-ocean-monsoon/>

¹² Agência da ONU sobre Drogas e Crime (UNODC), informação distribuída em 4 de Novembro 2016, "Indian Ocean: 'Colombo Declaration adopted to coordinate anti-drugs efforts'", https://www.unodc.org/unodc/en/frontpage/2016/November/indian-ocean_-_colombo-declaration-adopted-to-coordinate-anti-drugs-efforts.html

contrabando ou pesca ilegal.¹³ Calcula-se que os dhows chegam pelo menos uma vez por semana excepto nos 3 meses da monção, o que indica desembarques de 10 a 40 toneladas de heroína por ano. Os dhows ficam ancorados no mar, a 20-100 kms da praia. Uma flotilha de barcos pequenos vai ao seu encontro e volta com carga que distribui por vários pontos ao longo da costa. A costa de Cabo Delgado é privilegiada porque é a mais longínqua a norte do país. O transbordo é feito mais facilmente na zona a norte de Pemba com as ilhas Quirimbas ao longo da costa. Estas são zonas de mar calmo com um tráfego significativo de barcos pequenos normalmente desembarcando na praia.

Quisanga a norte de Pemba, é uma pequena praia que se transformou num porto onde se movimentam pequenos barcos que navegam entre as ilhas do Ibo e Quirimba para pescar, e passou a ser um importante ponto de desembarque para a heroína. Talvez se tenha tornado demasiado conhecido obrigando a uma mudança de destino para a costa a sul de Pemba onde há boas praias com dunas de areia que facilitam esconderijos para proceder ao desembarque. Há relativamente poucas apreensões de droga em Moçambique, mas as maiores e mais publicitadas apreensões de haxixe indicam rotas de droga. Em Agosto de 1997 foram apreendidas em Quisanga 12 toneladas de haxixe.

Os dhows chegam a descer mais para sul até ao porto de Angoche, antigo porto de tráfico de escravos na província de Nampula e onde também há ilhas.¹⁴ Em 2012 a polícia apanhou 187 Kgs de haxixe enterrado no quintal de uma casa em Angoche. O porta-voz do Comando da Policia na Província de Nampula, Inácio Dina, disse: “O que sabemos é que estas drogas vieram num barco que ancorou a algumas milhas ao largo da costa de Angoche. As drogas foram depois trazidas em pequenos barcos alugados.” A Iniciativa Global argumenta que o Governo de Moçambique tem vindo a escamotear provas do tráfico de heroína e algumas apreensões de haxixe podem na realidade terem sido de heroína.

Chegadas: em contentores

Famílias de comerciantes asiáticos¹⁵ trazendo contentores de mercadoria sempre providenciaram o expediente para importar heroína, porque não há muita inspecção à carga que chega; algumas companhias não são inspeccionadas e o suborno resolve qualquer problema. O Paquistão é um grande exportador de arroz, e Moçambique compra significativas quantidades de arroz paquistanês. A heroína pode ser incluída em contentores de arroz e enviada para Nacala e Pemba.

Pemba é um porto relativamente pequeno, manuseando menos de 15 000 contentores por ano, embora isto esteja em vias de mudar por causa do desenvolvimento do gás. Pemba não é normalmente

¹³ Em 2013-14 Moçambique fez uma dívida secreta de 2 biliões de US\$ ostensivamente para criar um sistema de protecção da costa. O Canal de Moçambique entre Moçambique e Madagascar não tem patrulhas militares regulares e está assim aberta ao contrabando, pirataria (só uma vez) e talvez sobretudo, à pesca ilegal. O esquema envolveu empréstimos de 2 biliões de US\$ organizados em segredo com o Crédit Suisse e o banco russo VTB. Uma subsequente auditoria pela Kroll diz o uso mais de metade desse dinheiro não pode ser explicado.

¹⁴ Houve vários relatos de drogas desembarcadas mais a sul perto do Bazaruto e outras ilhas ao largo da costa em Vilanculos, Inhambane, mas não parece ser muito comum. Relatos incluem cocaína e heroína que deu à costa, possivelmente resultado de um transbordo que correu mal, e de um barco carregado de haxixe que ficou encalhado nas rochas em Junho de 2000 com 16 toneladas de haxixe embalado em latas que depois vieram dar à costa. Os nove paquistaneses que escaparam do naufrágio foram condenados a longas penas de prisão.

¹⁵ Na era colonial o comércio urbano estava essencialmente nas mãos de portugueses brancos enquanto o comércio rural era feito através de comerciantes de origem asiática. Na independência a maioria os portugueses foram embora e mudaram os rostos do comércio, com os asiáticos a mudarem-se para as vilas e cidades. Esta divisão racial do comércio, com raízes na história colonial, ainda hoje caracteriza o comércio, tanto o legal como o ilegal. Na independência, muitas famílias de origem asiática não estavam seguros do que iria acontecer em Moçambique e à cautela dividiram as famílias com algumas permanecendo em Moçambique e construindo ligações à Frelimo, enquanto outros membros foram para África do Sul, Malawi, Portugal, Dubai, Índia e Paquistão. Os laços foram mantidos e têm sido fundamentais para a lavagem de dinheiro e para os tráficos de heroína, haxixe e mandrax.

um porto de cereais por isso contentores de arroz eram vistos como fora do comum e chamavam a atenção. O pequeno porto de águas profundas há muito tempo que era o foco de tráfico ilegal, para exportar contentores de madeiras preciosas, fauna bravia e produtos marinhos, e importação de heroína e haxixe. A gestão dos portos foi privatizada a partir de 2000 mas Pemba foi o único porto mantido debaixo de controlo estatal através da empresa estatal CFM, Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique, e era evidente que os altos funcionários não queriam forasteiros no porto.

Nacala é considerado o porto mais profundo da costa oriental e é um importante porto de contentores ligado por uma via férrea ao Norte de Moçambique, ao Malawi e à Zâmbia, e actualmente às minas de carvão de Tete. A gestão do porto é feita por uma "joint venture" na qual os CFM desempenham um grande papel, mas tratando-se de um porto de contentores de grande dimensão não pode ser fechado da mesma maneira que foi o porto de Pemba. Em vez disso, existe um número de armazéns controlados por famílias de comerciantes de origem asiática e com uma segurança privada apertada e menos ligada ao porto. Estes armazéns são usados para mercadoria branca importada, como frigoríficos, bem como motocicletas e outros bens, abertamente subfacturadas para reduzir taxas de importação. Acredita-se que estes também são usados para importar heroína, por exemplo em tanques de combustível de motocicletas, e os armazéns também são usados para armazenar heroína aguardando pedidos da África do Sul e da Europa. As famílias citadas como estando envolvidas no tráfico de heroína estão baseadas em Nampula e Nacala que distam 160 Kms uma da outra.

Ambos os portos, Nacala e Beira, são profundamente corruptos e qualquer problema com tráfico ilegal é resolvido com subornos. Contentores para o Malawi passam por eles e à chegada ao Malawi alguns ostentam evidência óbvia de terem sido abertos e fechados de novo no porto com algumas mercadorias de contrabando retiradas. Diz-se que alguns contentores são usados para um certo número de bens contrabandeados: carros roubados da Europa para a África do Sul, explosivos para a mineração ilegal, álcool e tabaco, e portanto, provavelmente também heroína ou armas para a caça furtiva a espécies bravias. A Iniciativa Global entrevistou funcionários da empresa de "scan" em Maputo e Nacala que dizem terem sido proibidos de usar o "scan" em contentores importados por certos comerciantes protegidos.¹⁶

Não há estimativas sobre quantidades de heroína importada por esta via. Todavia, os portos de Karachi e Dubai, abertos há 15 anos, foram agora obrigados a instalar equipamento de "scan" que pode reduzir a entrada de heroína. Apesar disso, o tráfico de heroína em contentores é provavelmente significativo.

Chegadas: por terra

Alguma heroína vem por terra, pela estrada da Tanzânia. Em Março de 2013 a polícia moçambicana apreendeu 600 Kgs de heroína em sacos de 5 Kgs no posto fronteiriço de Namoto, perto da costa e na Estrada entre Mtwara na Tanzânia e Palma, em Cabo Delgado, Moçambique. A apreensão foi orgulhosamente reportada pela polícia e publicada na imprensa moçambicana, mas nunca apareceu nas estatísticas do Governo. Malva Brito, porta-voz da polícia de Cabo Delgado, disse que o destino da droga era a África do Sul e era transportada numa carrinha Toyota Hiace com matrícula da República

¹⁶ Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

Democrática do Congo¹⁷ que aparentava não ter carga mas tinha um compartimento secreto debaixo da carroçaria. Brito explicou que a altura da porta de trás e um aroma esquisito, chamaram a atenção da polícia que inspeccionou o veículo. Foi a única apreensão reportada nesta rota.

O relatório da Iniciativa Global diz que uma fonte confiável tinha visto os resultados do teste do Departamento de Alfândegas que confirmava que era heroína embora a droga estivesse registada como N-Acetylanthranilic Acid pelas autoridades provinciais” e uma apreensão de 604 Kgs de N-Acetylanthranilic Acid aparece nos registos provinciais de 2013.¹⁸ N-Acetylanthranilic Acid é usada na síntese da methaqualone (mandrax), que é tratado como uma droga menos importante que a heroína mas é reportada, daí a prova de que houve tentativa de escamotear o tráfico de heroína.

O tráfico por esta rota é provavelmente pequeno. As estradas são más e outro tráfego é limitado, tornando os contrabandistas da heroína mais visíveis. Mas foi chamada a atenção para o facto de os traficantes globais não estarem a abastecer o pequeno mercado moçambicano e sugere-se que este é fornecido pelos pequenos traficantes da Tanzânia.

Por Estrada para a África do Sul

As drogas são enviadas por estrada para o sul de Moçambique e depois para a África do Sul, pela N1, a única estrada que une o norte ao sul do país. Maputo fica a 2200 Kms a partir de Nacala e até Joanesburgo, são mais 500 ou 600 Kms conforme o itinerário. Do norte de Moçambique até Nacala são mais 650 km. A droga pode assim viajar 3300 Kms para chegar a Joanesburgo.

Os importadores usam diferentes padrões. As redes organizadas MBS movimentam as drogas para armazéns no porto de Nacala ou para outros armazéns de famílias de traficantes, como o complexo industrial SeS em Nacala, ou armazéns em Nampula, a 160 kms de Nacala, que têm uma apertada segurança. Diz-se que as redes mais recentes de “crime desorganizado” preferem locais no interior e seguem os modelos latino-americanos que se estabelecem em locais de pouco tráfego e cujo acesso pode ser guardado, por exemplo a partir das colinas que os rodeiam.

Há muitos postos de controlo da polícia nas estradas e as exigências de subornos são vulgares. Diz-se que no início, o transporte de carregamentos de heroína na N1 era acompanhado pela polícia com o objectivo de ignorar os postos de controlo. À medida que melhorou a rede de telefonia móvel ao longo das estradas principais, os condutores dos veículos recebiam um número de telefone de um oficial da Polícia ou de uma individualidade da Frelimo, que usavam no caso de serem interceptados. Pode ser que isto ainda seja usado nas cargas ligadas ao MBS. Mas em Moçambique a corrupção está tão generalizada que os condutores por conta própria que trabalham para as novas redes, recebem simplesmente dinheiro para subornar e o seu pagamento acaba sendo o que conseguirem poupar depois de pagar os subornos. Ao contrário de outros países, transportadores não são pagos em produto e pouca heroína fica em Moçambique.

Normalmente o transporte é um veículo preparado para o efeito. Carrinhas 4x4 e carros Toyota Hilux podem levar entre 20 a 100 Kgs, e camiões maiores especialmente adaptados podem levar entre 100

¹⁷ Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

¹⁸ Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

a 200 Kgs. As apreensões feitas dão-nos um melhor percepção disto. Em Maio e Junho de 2017, as autoridades da África do Sul reportaram ter mandado parar dois camiões em estradas rurais do sul de Moçambique que atravessam a fronteira para a África do Sul.¹⁹ Uma carrinha foi apanhada com 145 Kgs de heroína em sacos de 1 kg, no posto de fronteira de Golela, Suazilândia a 4 de Maio de 2017 e uma quantidade semelhante foi encontrada num camião no posto fronteiriço de Kosi Bay a 12 de Junho de 2017. Aparentemente não foi reportada a apreensão em 2017 de 100 Kgs de heroína escondida debaixo do pavimento da caixa de um camião mandado parar na N4 na direcção Maputo-Joanesburgo. Na primeira metade de 2016 a polícia reportou ter apanhado um carro Nissan NP 200 contendo 20 000 US\$ e 93 sacos de heroína pesando 1 Kg cada um, escondida atrás dos painéis das portas; um Toyota Prado com 50 Kgs de heroína escondida no depósito de combustível; e ainda, 58 Kgs escondidos numa carrinha Opel Corsa, e 38 Kgs escondidos num Toyota Hilux.²⁰

Igualmente muitos camiões trazem carga da África do Sul para Moçambique e regressam vazios, e alguns levam carga ilegal incluindo heroína.²¹

Não há apreensões no lado moçambicano da fronteira, em parte devido à corrupção. No ultimo mês de Julho de 2017 foi suspensa toda a força policial da Ponta do Ouro, o lado moçambicano do posto de Kosi Bay, alegadamente por corrupção, incluindo turistas e negociantes locais importunados com pedidos de dinheiro ²². Mas a Presidente da Autoridade Tributária de Moçambique, Amelia Nankhare, disse a uma equipa do Grupo da África África Oriental e Austral Contra a Lavagem de Dinheiro, em Julho de 2017, que por falta de fundos não tinha “scanners” para levar a cabo controlos eficazes de fronteira e por isso muita mercadoria ilegal só era apanhada no lado sul-africano. ²³

Para além de Joanesburgo

A maior parte da heroína que chega à África do Sul está em trânsito, mas cada vez maiores quantidades permanecem neste país, o que está a aumentar a vigilância nas fronteiras. O consumo de heroína existe mas não está muito difundido na África do Sul, embora possa estar a aumentar e pode mesmo ser responsável pelo agravamento das guerras de gangs na Cidade do Cabo. A maior preocupação é o uso crescente de nyaope (também chamado unga e whoonga) que consiste numa mistura de heroína e cannabis, e por vezes outras drogas. É fumada e nos passados cinco anos o consumo tem crescido substancialmente. Faz efeito durante pouco tempo mas é muito barata, menos de um dólar por dose.

Nos primeiros tempos do tráfico a heroína era enviada directamente para os portos, nomeadamente Durban e, em menor dimensão, para Maputo, onde era adicionada em contentores. Isto deixou

¹⁹ Na fronteira de Golela, Suazilândia, foi mandado parar um camião com 145 Kgs de heroína em sacos de 1 Kg a 4 de Maio 2017, <http://www.news24.com/SouthAfrica/News/police-seize-more-than-r100m-worth-of-drugs-at-swazi-sa-border-20170505>, e quantidade semelhante foi encontrada num camião no posto de fronteira de Kosi Bay em 12 de Junho de 2017, <http://www.iol.co.za/news/south-africa/kwazulu-natal/three-arrested-r100m-worth-heroin-seized-in-drug-bust-9784596>. Os dois postos de fronteira estão em estradas rurais do sul atravessando de Moçambique para a África do Sul.

²⁰ Jana Boshoff, “Middelburg situated on popular drug route”, Middleburg Observer, 25 July 2017, <https://mobserver.co.za/69733/middelburg-situated-popular-drug-route/> e <https://www.facebook.com/policepicsandclips/photos/a.467274603397847.1073741829.440736009385040/535476389911001/?type=3&theater>

²¹ Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

²² MediaFax 2 de Agosto 2017

²³ Proposta de Relatório da missão de alto nível à República de Moçambique, 26-28 de Julho 2017, Eastern and Southern African Anti-Money Laundering Group.

de ser assim e Joanesburgo passou a ser o ponto de armazenagem e embarque. O Terminal de Contentores de City Deep é o maior porto seco interior de África, com uma capacidade de manusear 400 000 TEUs (unidades equivalentes a vinte-pés) por ano. Os contentores são levados por caminho de ferro até os portos de mar e embarcam sem mais inspecções aduaneiras, porque City Deep é considerado um porto. Todavia sabe-se que é muito corrupto e os contentores de heroína passam sem ser interceptados. E mesmo a polícia admite a extensa corrupção no Aeroporto internacional O R Tambo.²⁴ Por isso a maneira mais fácil é passar por City Deep ou o Aeroporto

Por causa do secretismo do tráfico de heroína, fontes aparentemente bem informadas discordam no que se refere à maior parte da heroína ter sido exportada para a Europa por mar em contentores ou por ar. A África do Sul está interessada sobretudo em impedir a heroína de entrar no país, para reduzir o consumo local, e há poucas inspecções às exportações. Apenas foram reportadas duas apreensões de exportação, uma em cada via. Em 2009, 150 Kgs de heroína foram interceptados num carregamento de “souvenirs” turísticos no aeroporto de Heathrow, Londres, num voo vindo da África do Sul; o rasto conduziu até Durban e depois Moçambique, onde a unidade sul-africana de crime organizado, os Hawks, disseram que a heroína tinha sido empacotada com os artefactos”.²⁵ E em Junho de 2017 em Overberg, a 250 Kms da Cidade do Cabo, a polícia apreendeu 963 Kgs de heroína, uma das maiores apreensões de sempre. Estava acondicionada em 253 maços de heroína em paletes de caixas de vinho destinados a exportação. Parece ter sido uma apreensão inteiramente por acaso. As mercadorias estavam a ser transportadas e a carga mudou. Os trabalhadores da vinha começaram a reacondicionar o contentor quando verificaram que algumas caixas de vinho tinham sido substituídas por heroína. A apreensão foi feita na propriedade vinícola de Eerste Hoop, de proprietários belgas, e a carga ia para Antuérpia, na Bélgica.²⁶

A heroína é transportada em contentores de bens não perecíveis como vinho, pedra, materiais cerâmicos, etc., que escapam mais facilmente nos “scans” e podem ficar muito tempo num porto europeu. Note-se que a apreensão de Overberg estava num contentor destinado directamente a um porto e não via City Deep, sugerindo que algum empacotamento é feito pelos transportadores e noutros casos a heroína é acrescentada à carga sem o conhecimento destes.

24 Thando Kubheka, “Mbalula committed to fighting corruption at OR Tambo airport”, Eyewitness News, 22 de Julho 2017, <http://ewn.co.za/2017/07/22/mbalula-committed-to-fighting-corruption-at-or-tambo-airport>

25 “South African Hawks in drugs bust”, BBC News, 16 de Set^o 2009. <http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/8259456.stm>; “SA centre of £75 million drugs haul”, New Zimbabwe, 18 de Set^o 2009, <http://www.newzimbabwe.com/news-999-SA+centre+of+%C2%A375+million+drug+haul/news.aspx>

26 Inicialmente a carga foi identificada incorrectamente nos media como cocaína. Aron Hyman, “Heroin-smuggling plot foiled by sharp-eyed workers on Cape wine farm”, Sunday Times Live, 23 June 2017; Caryn Dolley, “Police make massive R500m cocaine bust in Overberg town” e “Inside SA’s ‘biggest’ drug bust – 5 things that have emerged so far”, News24, 22 de Junho 2017. <https://www.timeslive.co.za/news/2017-06-23-heroin-smuggling-plot-foiled-by-sharp-eyed-workers-on-cape-wine-farm/>; <http://www.news24.com/SouthAfrica/News/inside-sas-biggest-drug-bust-5-things-that-have-emerged-so-far-20170626>

Moçambique e o seu “barão da droga”

O Presidente Joaquim Chissano foi o convidado de honra no casamento do segundo filho de Mohamed Bachir Suleman (MBS) a 19 de Abril de 2001. Num artigo aparecido no maior semanário de Maputo, Savana (27 de Abril de 2001), as bodas foram descritas como “sumptuosas” e havia 10 mil convidados de todo o mundo.

Para um país saído duma guerra há menos de uma década, era uma despesa de ostentação massiva. MBS era também conhecido como o maior contribuinte para a Frelimo. É um dos homens de negócio mais ricos e proeminentes e a sua riqueza não provem só da venda de electro-domésticos no seu Kayum Centre. Ainda em 2001, fui informado por um funcionário internacional do controlo de drogas que a sua empresa, MBS, era o maior centro de negócio da heroína em Moçambique.

As ligações ao MBS passaram para Armando Guebuza quando foi eleito Presidente em 2004. Este visitou publicamente por duas vezes o Maputo Shopping de MBS – a 22 de Junho de 2006 e depois na abertura oficial em 8 de Maio de 2007. Este complexo de 32 milhões de US\$ era na altura o maior de Moçambique e Guebuza elogiou-o como um modelo de investimento privado.²⁷ Foi publicado que MBS fez uma contribuição de 1 milhão de US\$ para a campanha eleitoral de 2009 do Presidente Armando Guebuza.²⁸ Mas as ligações podem ter sido feitas por intermédio dos filhos de Guebuza.

Em telexes de 16 de Nov^o de 2009 e 25 de Jan^o de 2010, Todd Chapman, Encarregado de Negócios na Embaixada dos EUA em Maputo, alegava que MBS tinha ligações directas com o Presidente Guebuza e antigo Presidente Chissano e que MBS é o coordenador da heroína que passa por Moçambique e talvez pelo sul da Tanzânia.

Em seguida, a 1 de Junho de 2010, o Presidente dos EUA Barack Obama designava MBS como um “barão da droga” e declarava ilegal para cidadãos dos EUA, empresas dos EUA ou que operassem nos EUA, fazerem transacções comerciais ou financeiras com ele ou com três das suas empresas, nomeadamente o Grupo MBS, o Kayum Centro e o Maputo Shopping. O Departamento norte-Americano do Tesouro declarava que “Mohamed Bachir Suleman é um narco-traficante de grande escala em Moçambique, e a sua rede contribui para a crescente tendência do tráfico de narcóticos e lavagem de dinheiro relacionada com ele, por toda a África Austral... Suleman dirige em Moçambique um rede de tráfico de drogas e lavagem de dinheiro bem financiado.”²⁹ Na secção a seguir chamamos a atenção para o facto desta ter sido a única intervenção no assunto, apesar de o negócio da heroína ser conhecido de toda a comunidade internacional.

Diz-se que a estreita ligação entre MBS e Chissano reflecte uma relação complexa. O negócio da heroína era regulado ao nível mais alto. Diz-se que Chissano se encontrava regularmente com MBS e provavelmente com chefes das outras famílias envolvidas. MBS era publicamente identificado com um grande benfeitor para a Frelimo. Era em geral assumido que havia um acordo para regular o negócio. Nunca houve guerras entre as famílias do negócio da heroína e do haxixe nem houve condenações

²⁷ Notícias 23 de Junho de 2006, AIM English 9 May 2007.

²⁸ Savana on-line, 20 Out^o de 2009.

²⁹ Boletim do Departamento do Tesouro dos EUA, “Treasury Sanctions Entities Owned By Drug Kingpin Mohamed Bachir Suleman”, Comunicado de imprensa TG-729, 1 de Junho 2010.

pela justiça – e nas duas últimas décadas não foi detido ninguém entre as figuras seniores do negócio da heroína e do haxixe, nem houve apreensões de droga passando pelo negócio regulamentado. O Ministério do Interior, a Polícia e as Alfândegas, recebem as suas comissões e assistem passivamente ao negócio. A Frelimo recebe uma quantia considerável de dinheiro para custos operativos e despesas eleitorais, e assume-se que alguns membros da direcção da Frelimo recebam pessoalmente uma parte. Chissano foi chefe da segurança da Frelimo durante muitos anos e tinha deste modo os contactos necessários para organizar e regular o negócio.

Não há nenhuma evidência directa da regulação a alto nível e nenhuma testemunha dos encontros mencionados estaria certamente interessada em denunciá-los. Especula-se que faz parte do acordo que a heroína se destine a trânsito internacional e que os comerciantes concordam em que muito pouca fica em Moçambique. No início da década de 2000, o bairro dos militares situado no centro de Maputo tornou-se conhecido como “Colômbia” porque era fácil adquirir droga nesta zona, e muitos filhos da elite tornaram-se assim consumidores. Isto começou a aparecer nos media e a ser muito falado pelo que, subitamente, passou a ser mais difícil. Teria Chissano dito a MBS para parar a venda localmente? Claramente passou-se alguma coisa, porque hoje cocaína e particularmente crack, ainda estão disponíveis em Maputo, sugerindo a falta de regulação do comércio da cocaína.

Outros actores

Embora MBS seja um homem importante em Moçambique, ele é apenas parte de uma cadeia organizada a partir do subcontinente indiano. A Iniciativa Global identifica três famílias ligadas ao tráfico sob a chefia de MBS, que têm negócios em Nacala e Nampula. Gulam Rassul Moti e a família Ayoob foram também mencionadas num telex datado de 16 de Nov^o de 2009, de Todd Chapman, Encarregado de Negócios da Embaixada dos EUA em Maputo. Embora ele não seja uma fonte segura em termos de nomes ou detalhes,³⁰ Chapman enviou relatos para Washington, mais tarde citados a partir do WikiLeaks, e no que respeita à heroína parecem ser geralmente correctos.³¹

Gulam Rassul Moti³² é proprietário da Moti Comercial e da Moti Rent a Car e tem mantido presença discreta, mas parece ter sido um dos que mais cedo se juntou ao negócio. Em Agosto de 1997, foram apreendidas 12 toneladas de haxixe em Quisanga, Cabo Delgado, e Gulam Rassul Moti foi preso em conexão com este caso. Esta foi a segunda detenção em conexão com as drogas – anteriormente tinha sido chamado em conexão com o contrabando de haxixe para os EUA e Europa a partir do porto de Nacala, em contentores disfarçados como sendo de chá. Foi absolvido.

Os partidos políticos têm o direito de importar bens para seu uso próprio livres de taxas aduaneiras. Em 2012 e 2013 a Rassul Trading importou 3000 motocicletas, 7000 frigoríficos e 5000 pneus para a

30 Paul Fauvet, “Renamo brings WikiLeaks back to parliament”, AIM em Inglês de 28 de Abril de 2011. Chapman correctamente apontou para os extensivos interesses empresariais do Presidente Armando Guebuza mas exagerou muito e errou a respeito de empresas e propriedades quando podia facilmente ter verificado. Na questão das drogas, num telex de 1 de Julho de 2009 citou um artigo meu (“Long time commentator on Moçambique Joseph Hanlon”) como sendo de Maio de 2009 quando de facto era um artigo redistribuído e que já tinha sido publicado no Metical de 2001.

31 Do WikiLeaks: 16 Nov 2009 MAPUTO 001291, 25 Jan 2010, Maputo 000080; https://wikileaks.org/plusd/cables/09MAPUTO1291_a.html. Chapman alegava que “Domingos Tivane, Chefe do Serviço de Afândega, era um importante recipiente de subornos de narcotraficantes e recentemente comprou propriedade em Maputo avaliada num preço muito acima do que o salário de funcionário lhe podia permitir”. Tivane foi demitido de Chefe das Alfândegas em 2013.

32 Também conhecido como Gulamo; listado só como Gulam Rassul como dono da Moti.

Frelimo. Mas o Centro de Integridade Pública (CIP) concluiu que a maior parte foi vendida nas lojas da Rassul Trading.³³ Era o indicativo dos laços estreitos da empresa com a Frelimo. Um incêndio no armazém da Rassul Trading em Nacala, em Fevereiro de 2014, alegadamente destruiu 50 contentores com 5000 motocicletas.³⁴ A Iniciativa Global menciona alegações de que havia heroína importada em tanques de combustível de algumas das motocicletas.³⁵

O segundo grupo é a família Ayoob. Momed Khalid Ayoob era o dono de hotéis, estâncias turísticas e companhias de automóveis assim como as lojas Modas Niza e Real Câmbios. Em Outubro de 2008 o semanário Zambeze³⁶ reportou que Khalid Ayoob tinha sido detido em Portugal em 1987 por posse de heroína, mas conseguiu escapar 2 anos mais tarde e que o seu irmão Macsud foi preso em Portugal por tráfico de droga em 1990. O Zambeze escreveu também que a família tinha investido dezenas de milhões de dólares em hotéis em Maputo.

Macsud Ayoob foi detido em 2002 no aeroporto de Maputo, na posse de mais de 1 milhão de US\$ em notas, a caminho do Dubai. O irmão Momed Khalid Ayoob foi preso a 1 de Dezembro de 2010 pela polícia da Suazilândia na posse de 18 milhões de Mts (2,6 milhões de US\$) em notas bancárias. Estava em vias de levar o dinheiro de Moçambique para o Dubai, violando as leis cambiais moçambicanas e suázis. Momed foi alvejado e morto em Maputo a 20 de Abril de 2012. A sua viúva Reyma Ayoob foi raptada em 2014 e libertada 22 dias depois quando a família pagou um resgate. Momed e Macsud eram donos da Modas Niza que ficou muito conhecida no início de 2010 quando a Autoridade Fiscal de Moçambique ordenou a venda dos seus bens em hasta pública para pagar uma dívida de 276 milhões de Meticals (8 milhões de US\$) à operadora de telefonia móvel M-Cel. A casa Niza tinha sido um vendedor autorizado de cartões de pré-pago da M-Cel. Venderam os cartões mas os cheques para pagar à M-Cel não tinham cobertura e a Autoridade Fiscal apreendeu-lhes electro-domésticos importados que viriam a ser vendidos para reembolsar a dívida à M-Cel.

A terceira família é chefiada por Momad Rassul, também conhecido por Momad Rassul Abdul Rahim e só é mencionado pela Iniciativa Global que faz notar que não existe nenhuma prova de ligação entre Rassul e o tráfico de drogas. Foi detido e liberto com uma caução de 130 mil US\$ a 7 de Julho de 2017. As acusações foram de “a prática de crimes de branqueamento de capitais, enriquecimento ilícito e outros crimes de natureza tributária, como seja fraude fiscal, contrabando e descaminho”. Algumas propriedades suas são o Grupo SeS com grandes fábricas de óleo vegetal e outras empresas, o Grupo ARJ com cimento e o Parque de Contentores de Nacala.³⁷ Dos três é o mais conhecido, com ligações políticas à Frelimo e diz-se ter tido acesso directo a Armando Guebuza quando ele foi presidente.³⁸

33 Borges Nhamire e Lázaro Mabunda, “Isenções aduaneiras do Partido Frelimo”, Centro de Integridade Pública, 13 de Maio de 2014, <http://www.cip.org.mz/historico/article.asp?lang=5sub=iafl&docno=303>; Borges Nhamire e Lázaro Mabunda, “Importação ilegal de viaturas: a máfia que custa milhões ao Estado”, Centro de Integridade Pública Moçambique: Boletim CIP de 1 de Março 2014, https://www.cipmoz.org/images/Documentos/PPP/295_CIP_Newsletter_n01_2014-importacao_ilegal_de_viaturas.pdf_page_5.

34 Arlindo Chissale, “Incendio de altas proporções destrói acima de 50 contentores de motorizadas”, CAIC Diário, 25 Fevereiro 2014, <https://www.caicc.org.mz/diario/?p=3520>; “Incêndio destrói cinco mil motas”, Notícias, 27 Fevereiro 2014, <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/sociedade/11632-incendio-destroi-cinco-mil-motas.html>

35 Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

36 Luís Nhachote, “Traficante de droga procurado em Portugal”, Zambeze 1 Outubro 2008. <http://manueldearaujo.blogspot.co.uk/2008/10/traficantes-de-droga-tm-estatuto.html> e <http://muliquela.blogspot.co.uk/p/mohamad-khalid-ayoob-momad-aiuba-irmao.html>

37 O Tiger Centre de venda de artigos electrónicos e electro-domésticos em Maputo é propriedade de quatro irmãos da família: Mohamed Sabir Gulam Rassul, Abdul Gafur Rassul, Momade Asslam, e Maheub Gulam Rassul. Os dois últimos foram alvo de tentativas falhadas de rapto em 2012 e 2016 (AIM em Inglês de 19 Dezº 2016). Mohamed Sabir Gulam Rassul e outros membros da família são donos de vários hotéis.

38 Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

Momad Rassul faz questão de dizer que é de origem Indiana e não Paquistanesa.

Parece haver uma tentativa de converter dinheiro da droga em bens legais dentro de Moçambique. Na década passada houve grande construção de hotéis na cidade de Nampula e de prédios residenciais e de escritórios na cidade de Maputo. Em 2007 Mohamed Bachir Suleman (MBS) abriu o maior centro comercial de Moçambique, o Maputo Shopping. Há também construção de luxo em Maputo, Nampula e zonas de praia perto de Nampula como as Chocas Mar, ligada a famílias de comerciantes de origem asiática. Embora não haja evidência directa sempre se acreditou que em parte isto é financiado pelos lucros da droga bem como por outras actividades ilegais. O investimento turístico tem sido significativo e é útil para o branqueamento de dinheiro porque é sempre possível declarar mais clientela do que aquela que se aloja realmente, por exemplo num hotel, e usar isto para ocultar futuros lucros da droga. Os hotéis também proporcionam uma base segura para correios da droga. O Zambeze estimava que em 2008 tinham sido investidos 10 milhões de US\$ pela família só em hotéis em Maputo. A Iniciativa Global chama a atenção para os hotéis vistosos em Nampula e outras localizações, quase sempre às moscas.³⁹

Outras importantes áreas de investimento são a Bolsa de Valores e os Bilhetes de Tesouro. O comprador paga em dinheiro e sem ter de responder a muitas perguntas, mas quando as acções ou os títulos são vendidos o processo é tratado da mesma maneira que o dinheiro legítimo. Até há pouco tempo o Banco de Moçambique não tinha dificuldade em encontrar investidores domésticos interessados em comprar títulos do Estado. E a 7 de Junho de 2001 o presidente da Bolsa de Valores de Moçambique, BVM, Jussub Nurmamade, disse que o rápido crescimento da BVM era "único". "Nós começámos com 3 milhões de US\$ ainda não há dois anos", disse aos jornalistas, e previu que no final de 2001 teriam sido investidos 100 milhões de US\$ em companhias listadas na Bolsa e títulos do Governo e dos bancos. Como poderia uma economia tão pequena como a de Moçambique encontrar 100 milhões de US\$ em tão pouco tempo? O que faz Moçambique ser "único" deve ser dinheiro da droga.

Três macacos sábios

Excepto uma única condenação, a dos Estados Unidos da América, a comunidade internacional – doadores, credores e agências internacionais – escolheram ficar em silêncio sobre o tráfico de heroína. Até à crise causada pela revelação em 2016 da dívida secreta de 2 biliões de US\$, Moçambique era um menino bonito da indústria da ajuda, introduzindo o neoliberalismo e encorajando exploração de gás e carvão por corporações estrangeiras. Os funcionários dos doadores queriam continuava a pintar este quadro de uma história de sucesso e a gastar o dinheiro da ajuda, por isso não queriam sacudir o barco com histórias de tráfico de drogas regulado. E a regulação estava a funcionar, evitando guerras entre famílias envolvidas no comércio de drogas ao mesmo tempo que limitava a quantidade de heroína que ficava em Moçambique.

Aparentemente o primeiro relatório público do comércio regulado de heroína estava contido no meu

39 Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative

artigo publicado em 2001 pelo Metical, um jornal de Maputo por fax.⁴⁰ Em Abril de 2002, Peter Gastrow, autor do novo relatório, e Marcelo Mosse, citaram esse artigo quando falaram numa conferência em Pretoria: "Há uma convicção alargada de que, com dinheiro suficiente, os traficantes podem comprar imunidade contra investigação e perseguição pela justiça. A relativa impunidade com que alguns dos traficantes de sucesso operam é muitas vezes o resultado das suas estreitas ligações com figuras de alto nível no governo ou no partido Frelimo. A um nível mais baixo, os funcionários das alfândegas são subornados para facilitar a entrada e saída das drogas do país. ... Os 'oligarcas' moçambicanos parecem ser as milionárias redes do crime organizado que conseguiram assegurar a protecção política e que operam em paralelo com o estado com relativa impunidade."⁴¹

Nos finais desse ano, Teodato Hunguana deputado e figura sénior e respeitada na Frelimo, falando no Parlamento em Novembro de 2002 avisou contra o perigo de o Estado cair nas mãos do crime organizado. "Os vários grupos e redes de tráfico de droga são empresas bem organizadas, talvez melhor organizadas do que as estruturas do Estado. ... Ao tráfico de droga está associada, em especial, a lavagem de dinheiro. Há indicadores que apontam para lucros na ordem dos milhões de dólares por ano, provenientes daquele tráfico, a avaliar pelas mansões e carros luxuosos ostentados em Maputo e em algumas outras cidades. Parte desse dinheiro é, por certo, reinvestido em negócios legais geradores de lucro, para afastar suspeitas futuras." E adiantou que, se os padrões do crime organizado continuam impunes e intocáveis, e conseguem manter as suas fontes de reprodução, ele vai tornar-se cada vez mais forte e tomar conta do próprio estado.⁴²

No ano seguinte um dos mais proeminentes juizes moçambicanos, Augusto Paulino⁴³, usou estas palavras numa palestra em Portugal em que cita Hunguana e o meu artigo de 2001 e avisou que os vários grupos e redes de traficantes são empresas bem organizadas, talvez mais bem organizadas que as próprias estruturas do Estado. Disse ainda que o tráfico de drogas está associado particularmente à lavagem de dinheiro e falou dos indícios que apontam para lucros da ordem dos milhões de US\$ por ano, provenientes do tráfico, o que explica as mansões e automóveis luxuosos em Maputo e algumas outras cidades. Parte deste dinheiro é reinvestido em negócios legais e lucrativos para prevenir suspeitas no futuro, disse o juiz Paulino. Estes grupos criminosos ligados ao tráfico de drogas, roubo de automóveis e assaltos armados, acrescentou o juiz, gozam de impunidade e protecção porque servem os interesses de pessoas bem colocadas no poder e outros porque estão infiltrados nas unidades das forças de polícia.

Paulino foi Procurador Geral de Justiça de 2007 a 2014, e um dos seus sucessos foi a condenação de Almerinho Manhenje, que tinha sido Ministro do Interior entre 1996 e 2005 e foi sentenciado, em 2011, a dois anos de cadeia. O Procurador anterior tinha declinado as acusações mesmo havendo provas de que milhões de US\$ tinham sido desviados do Ministério. Mas o sucesso de Paulino foi de curto

40 Joseph Hanlon, "O grande negócio da droga", Metical 1017, 28 June 2001. Em português e inglês ("Drugs now biggest business") em <http://www.open.ac.uk/technology/Moçambique/sites/www.open.ac.uk/technology/Moçambique/files/pics/d135483.pdf>

41 Peter Gastrow e Marcelo Mosse, "Moçambique: Threats posed by the penetration of criminal networks", Seminário no Instituto de Estudos de Segurança Regional. Crime organizado, corrupção e governação, na região da SADC, Pretoria, 18-19 de Abril 2002.

42 Teodato Hunguana falando no Parlamento na semana de 25-29 de Novº de 2002 tal como foi citado no Domingo 1 December 2002, como citado em Augusto Paulino, na palestra "Criminalidade Global e insegurança local - um caso de Moçambique", apresentada na conferência "Direito e Justiça no Século XXI", Coimbra, Portugal, 30 de Maio 2003. <http://www.ces.uc.pt/direitoXXI/comunic/AugustoPaulino.pdf>

43 Augusto Paulino foi o juiz no julgamento do assassino do jornalista Carlos Cardoso em 2002; Augusto Paulino, "Criminalidade Global e insegurança local - um caso de Moçambique".

alcance. As acusações foram por água abaixo e Paulino nunca conseguiu trazer a julgamento nenhum dos grande negociantes de droga.

No discurso de Coimbra, Paulino seguiu o hábito moçambicano de só se falar de questões quentes fora do país e cá dentro não se tem conhecimento de nenhum debate público sobre o tráfico de drogas em Moçambique. Num encontro de doadores pouco depois da publicação do meu artigo em 2001, foi decidido dizer simplesmente que tudo o que eu possa ter escrito sobre tráfico de heroína não era verdade mesmo que a informação tivesse vindo em parte das suas embaixadas. O relatório de Gastrow e Mosse dedicava à cocaína e ao haxixe em Moçambique cerca de uma página para cada, mas sobre heroína diz apenas: “Não foi possível obter mais detalhes” mas Peter Gastrow era na altura o Director na Cidade do Cabo do Instituto para Estudos de Segurança, com bons contactos internacionais, e Marcelo Mosse era um os melhores jornalistas investigativos de Moçambique. No entanto parece que nenhum se sentia preparado para falar da heroína.

A Crown Agents foi contratada para gerir e reestruturar o serviço aduaneiro durante a década de 1996 a 2006. Tinham mais de 70 empregados e receberam poderes pouco habituais de administração. Foi-me dito informalmente por um funcionário sénior da Crown Agents que as instruções que receberam foi apenas de aumentar as receitas. Implicamente a Crown Agents concordou em não se imiscuir em importações impróprias desde que não houvesse evasão de impostos, e a heroína era um exemplo. Os relatórios dos doadores sobre reformas fiscais seguiram todos esta linha, referindo apenas o aumento das receitas e nunca mencionando drogas. Um estudo do Banco Mundial de 2004 ⁴⁴ dizia que “uma componente chave de todo o processo de uma reforma económica foi a decisão do Ministro do Plano e Finanças de reformar e modernizar os serviços aduaneiros, em primeiro lugar para melhorar a capacidade do governo de aumentar a colecta de receitas ... Antes da reforma a corrupção era galopante”. Mas a ‘corrupção’ só se referia à subavaliação e má classificação das importações com o objectivo de reduzir a imposição de taxas. Não se mencionavam drogas. Uma avaliação da corrupção em Moçambique da USAID de 2005⁴⁵ dizia que o âmbito e escala da corrupção em Moçambique era motivo para alarme. “Há alegações de possível conivência ou mesmo envolvimento activo de indivíduos dentro do governo ou do partido no governo em actividade criminosa” incluindo o tráfico de drogas, lavagem de dinheiro e usurpação de fundos públicos. Mas drogas não eram subsequentemente mencionadas. Contrabando só era citado em relação a tabaco e açúcar importado em competição com a indústria doméstica. Definitivamente, a reforma do fisco foi considerada somente em termos de aumentar as receitas.

O único a quebrar este consenso diplomático foi Todd Chapman, Encarregado de Negócios na Embaixada dos EUA em Maputo entre 2007 e 2010. Foi visto como um franco-atirador que não cooperava com outros embaixadores, nomeadamente ao interromper uma reunião pública entre embaixadores e a Comissão Nacional de Eleições, CNE, em 2009. Aparentemente, a razão foi porque sentiu que os outros embaixadores não estavam a exercer suficiente pressão sobre a Frelimo. Parecia que tinha atrás de si o Departamento de Estado e deixou Moçambique para ir para o Afeganistão.

44 Anthony Mwangi, “Moçambique”, em Luc de Wulf e José B Sokol, eds. *Customs Modernization Initiatives: Case Studies*, Washington DC: World Bank, 2004, pp 50-56 <http://hdl.handle.net/10986/14911>

45 USAID, “Corruption Assessment: Moçambique final report”, 16 Dez 2005.

O seu criticismo a Guebuza reflectia a opinião diplomática geral, mas ao fazer da questão das drogas o tema de, pelo menos, cinco telexes⁴⁶ para Washington, Chapman parece ter quebrado fileiras. É provável que os seus telexes e outras intervenções tenham empurrado os EUA a declarar MBS um “barão da droga”. Mas outros doadores não foram atrás e pouco mais foi dito sobre heroína.

Foi-me dito por fontes norte-americanas que a principal razão para a designação de MBS como narcotraficante, a 1 de Junho de 2010, partiu dos EUA. Acreditam que ele estava a fazer um jogo para entrar no mercado dos EUA. Quando apenas fazia negócio com a Europa não havia muito interesse nele, mas movimentações para entrar nos EUA tinham de ser travadas. Dentro da Embaixada norte-americana, era apoiado devido à preocupação de que Guebuza estava a centralizar poder e que o dinheiro estava a ir mais para os seus bolsos e dos seus filhos do que para o partido.

Mas Chapman e a designação de MBS parecem ter tido inicialmente pouco impacto em Maputo. Durante algum tempo os estrangeiros deixaram de usar o Centro Comercial mas não tardaram em voltar. E não parece ter havido qualquer pressão diplomática ou do governo para agir contra MBS.

O representante moçambicano na ONU, Pedro Comissário, na sessão 59 da Comissão de Narcóticos, Commission on Narcotic Drugs, em Viena a 14 de Março de 2016, enfatizava só a educação e o controlo do consumo doméstico e não fazia qualquer menção ao controlo da importação e exportação.

O “Mozambique 2017 Crime & Safety Report” do Overseas Security Advisory Council, OSAC, presidido pelo director do Serviço de Segurança Diplomático, do Departamento de Estado dos EUA, quase não menciona drogas,⁴⁷ e em vez disso avisa que “uma das maiores ameaças à segurança pessoal são os veículos automóveis” seguidas de “aumento da actividade criminosa violenta.” Chama a atenção no entanto para o problema dizendo: “O narco-trafego é um grande problema. O contínuo narco-tráfico através de Moçambique, com ligações a sindicatos internacionais de crime organizado e organizações terroristas, é uma tendência em curso. A considerável riqueza associada ao negócio de drogas, ajudada pela corrupção e envolvimento de alguns funcionários do governo, desestabiliza a segurança.”

E aparentemente as drogas não estão sendo apreendidas. O gabinete das Nações Unidas para Drogas e Crime faz a compilação das estatísticas de apreensão de drogas,⁴⁸ e esta regista que em seis anos, de 2010 a 2015 inclusive, as autoridades moçambicanas apanharam 55 toneladas de marijuana, 8 toneladas de haxixe e 90 Kgs de cocaine. Mas neste período só houve duas apreensões de heroína, 4.3 Kgs em 2011 e 1 Kg em 2015. Os dados de Moçambique são ligeiramente diferentes, mostrando apenas 13 Kgs apreendidos nos cinco anos que vão de 2012 a 2016.⁴⁹ Considerando as grandes quantidades de heroína apreendidas ao atravessar a fronteira para a Africa do Sul, a sugestão é de que a heroína é deixada passar.

46 Do WikiLeaks: 1 July 2009, Maputo 000713; 9 Nov^o 2009, Maputo 001277; 16 Nov^o 2009, Maputo 001291; 25 Jan 2010, Maputo 000080; 28 Jan 2010, Maputo 000086. https://wikileaks.org/plusd/cables/09MAPUTO1291_a.html

47 US Department of State Bureau of Diplomatic Security, “Moçambique 2017 Crime & Safety Report” 14 de Março de 2017, <https://www.osac.gov/pages/ContentReportDetails.aspx?cid=21453>

48 <https://data.unodc.org>

49 Haysom, Gastrow & Shaw - Global Initiative, Apêndice 3.

Mudando sistemas dentro de Moçambique

A posição de Moçambique numa rota de tráfico não mudou muito durante 25 anos: a heroína é processada no Afeganistão, vai sobretudo para o Paquistão e depois por mar para o Norte de Moçambique, por terra para a África do Sul e depois para a Europa. Mas a partir de 2010, um certo número de factores internos e externos alteraram a forma do negócio, criando espaço para uma nova e mais moderna estrutura, descentralizada, e trabalhando em paralelo com o sistema MBS.

Outras actividades criminosas

Em 2015, Mark Shaw, Director da Iniciativa Global contra o Crime Organizado Transnacional, em Genebra, notou que na África Austral: "Nomeie um importante mercado criminoso, como drogas, espécies bravias protegida, mineração ilegal ou viaturas roubadas, e haverá evidência de apoio e protecção do Estado. Isto é a característica comum em toda a região." E acrescentou que "uma das razões porque não temos um retrato mais completo do crime organizado para a região da África Austral, é porque o fenómeno é notoriamente difícil de investigar ... Os actores funcionários do Estado também se sentem muitas vezes nervosos ao dar informação sobre o 'real' crime organizado porque este está quase sempre próximo do poder político."⁵⁰

Em Moçambique, o curto período pós-independência estabeleceu padrões morais elevados, mas a guerra civil e o mercado liberalizado do pós-guerra trouxeram uma série de actividades ilegais: entrada de combustível e de carros roubados, exportação de pedras preciosas e madeira preciosa, marfim e produtos marinhos. Houve uma gama de redes, a maioria delas com ligações tanto a funcionários locais como pessoas de alto nível na Frelimo.

Uma das maiores alterações no cenário público do crime foram os raptos de pelo menos 100 membros da comunidade de origem asiática, desde 2011. Nini Satar, anteriormente ligado a agiotagem e desfalque bancário e condenado pelo assassinato do jornalista Carlos Cardoso, foi também ligado aos raptos e tem claras ligações à polícia e ao judiciário. Mahomed Bashir Ayoob, membro de uma das famílias do negócio da droga e marido de uma das filhas de MBS, foi acusado em 2012 de estar envolvido nos raptos mas foi autorizado a deixar Moçambique para o Dubai e depois para Hong Kong. O Procurador Marcelino Vilanculos que estava a investigar os raptos, foi assassinado a 11 de Abril de 2016. Os raptos geraram milhões de US\$ pagos em resgates e algum deste dinheiro poder ser proveniente do negócio da droga. Não é claro até que ponto estes raptos reflectem divisões dentro da comunidade Asiática dos negócios e qual a extensão das ligações entre as redes de raptos e as famílias da droga.

Mudança de expectativas

A descoberta de uma das maiores reservas de gás natural em África no ano de 2010, parece ter contrariado a designação de MBS, no mesmo ano, como barão da droga. Os altos preços do petróleo e do gás inspiraram visões de riqueza nunca antes sonhadas e os doadores queriam encorajar

⁵⁰ Mark Shaw, "New networks of power: why organised crime is the greatest long-term threat to security in the SADC region", em Antoni van Nieuwkerk e Catherine Moat (eds), Southern African Security Review, Maputo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2015, pp 177, 181. <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/mosambik/12932-20170302.pdf>

investimento estrangeiro, e continuaram a considerar Moçambique como o menino bonito. Os preços altos do petróleo e gás continuaram até 2015.

Ao mesmo tempo ocorreram mudanças dentro da Frelimo. Primeiro, o Presidente Guebuza parecia estar a distribuir recursos entre um grupo sempre restrito de favoritos e a elite da Frelimo estava irritada por ser excluída dos apetecíveis fundos do “saco azul”. Segundo, os fundos secretos pareciam mais pequenos. O rendimento local total do negócio podia ser até 100 milhões de US\$ por ano, mas o quinhão do partido Frelimo seria muito menos do que isso. Em comparação com a imensa riqueza do gás, o negócio da droga parecia já não valer a pena.

Mas em 2015 o castelo de cartas foi seriamente sacudido. A onda anti-Guebuza dentro do partido levou a que Filipe Nyusi fosse nomeado como o candidato de compromisso à presidência. A forma como Guebuza concentrava dinheiro e poder causavam considerável descontentamento dentro da elite da Frelimo levando a mais descentralização. O Presidente Filipe Nyusi iniciou a sua presidência em Janeiro de 2015 e nunca houve nenhum relato atribuindo-lhe ligações com MBS; as ligações com o partido pareciam ser agora a níveis inferiores e mais descentralizadas além de que, em parte, a protecção deixou de se fazer sentir.

Há indicações de que figuras seniores da Frelimo, incluindo o Presidente Nyusi, querem reduzir algum do comércio ilegal mais ganancioso. Parece haver mais vontade da Procuradoria da República para estar atenta às actividades anti-corrupção e anti-droga. Um indicador foi o governo estar a estancar a exportação ilegal das madeiras mais preciosas que, durante uma década, foi controlada a alto nível.⁵¹ Estas são mudanças reais embora ainda limitadas.

O colapso do preço do gás despoletou a descoberta em 2016/2017 das dívidas secretas que tinham sido organizadas em 2013/2014 por Guebuza quando estava convicto que os lucros do gás as iriam pagar. Os doadores ficaram irritados e ofendidos e subitamente Moçambique já não era o menino querido; a ajuda de apoio ao orçamento foi cortada e os doadores começaram a procurar lixo debaixo do tapete. Isto por sua vez trouxe uma crise económica, com o governo com sérias dificuldades de tesouraria, e a pedir mais empréstimos para pagar as contas.

Agora precisa dos negociantes da droga para que usem uma parte dos seus lucros na compra de títulos do tesouro. E a Frelimo está a braços com problemas de dinheiro, debaixo de tensão crescente para encontrar o financiamento das eleições que estão para vir.

Pondo travão a MBS

MBS e a sua rede continuam a ser os maiores no tráfico, mas agora com as asas cortadas. Expondo-o como ‘barão da droga’ parece ter tido pouco impacto imediato e as mudanças de 2015 aparentemente foram mais importantes. Depois de ter sido acusado de ser ‘barão da droga’ MBS não se fez notar durante uns tempos mas a 18 de Setembro de 2014 já se sentava na mesa principal, separado do candidato a Presidente Filipe Nyusi por algumas cadeiras, num jantar de angariação de fundos organizado pela associação de homens de negócios CTA. O Africa Confidential de 10 de Outubro de 2014 escrevia

⁵¹ Agência de Investigação Ambiental, “First Class Crisis: China’s Criminal and Unsustainable Intervention in Moçambique’s Miombo Forests”, London, July 2014, <https://eia-international.org/wp-content/uploads/First-Class-Crisis-English-FINAL.pdf>

que “a presença de Bashir enviou uma mensagem explícita: ele continua a ser incontornável quando se trata de financiar o partido.” A verdade é que a era Guebuza tinha chegado ao fim e o que parece provável é que MBS se fez convidado. Mas publicamente ele não parece ser bem visto junto do novo grupo de Nyusi.

Aparentemente, debaixo da asa benevolente de Guebuza, MBS e seus apaniguados forçaram demasiado os seus limites. E o revés maior veio a 11 e Novembro de 2016 quando o Banco de Moçambique mandou dissolver e liquidar um dos bancos comerciais mais pequenos, o Nosso Banco, na base de que estava descapitalizado, com “uma estrutura económica e financeira insustentável”, e afectado por “graves problemas de gestão e liquidez”.⁵² O Nosso Banco foi estabelecido em 1999 com o nome de Banco Mercantil e de Investimento, tendo mudado o nome para Nosso Banco em 2015. Os seus accionistas principais eram instituições públicas como o Instituto Nacional de Segurança Social, INSS, com 77% e a empresa pública de electricidade, EDM, com 16%. A empresa do partido Frelimo, SPI, tinha 4% e Alfred Kalisa, homem de negócios ruandês, um dos fundadores do Banco e seu primeiro CEO, tinha 2%.⁵³ O Nosso Banco era um dos dois bancos inteiramente moçambicano, sem qualquer ligação a bancos estrangeiros. Os bancos que transaccionam com os EUA não podem ter clientes acusados de serem ‘barões de droga’ pelo governo norte-americano, impedindo assim MBS e o Maputo Shopping de usar os bancos tradicionais. Era o único banco com uma ATM no Maputo Shopping, depois dos bancos maiores terem fechado as suas delegações em 2010. O Nosso Banco recebia avultados depósitos de MBS que, segundo se diz, veio a perder dezenas de milhões de US\$ no colapso. Mas Momade Rassul foi citado como o maior devedor, com um empréstimo de 30 milhões de US\$ garantidos com um prédio de menos valor e que os auditores questionaram.⁵⁴ Tinha sido muito especulado, incluindo pelo semanário Savana de 25 de Novembro 2016, que Moçambique pode ter sido pressionado pelos EUA para fechar o Nosso Banco. É plausível se se pensa que Moçambique foi capaz de resistir às pressões dos doadores e em particular os norte-americanos devido às receitas dos minérios e do gás e do investimento, incluindo da Americana Anadarko, mas isto mudou depois da revelação das dívidas ocultas em 2016.

A 29 de Junho de 2017, Momade Rassul foi detido em Maputo e acusado de lavagem de dinheiro, enriquecimento ilícito e fraude fiscal.⁵⁵ Foi posteriormente liberto sob caução. Ao mesmo tempo ocorreu o escândalo da South African Public Investment Corporation investindo 83 milhões de US\$ numa refinaria não-operacional, propriedade da companhia SeS sediada em Nacala e propriedade de Rassul.⁵⁶ Parece que Rassul ultrapassou os limites e a sua protecção foi-lhe retirada.

MBS ainda viaja para dentro e fora de Maputo. Mas o encerramento do Nosso Banco forçou-o a usar bancos off-shore o que significa que passa cada vez menos tempo no país. Mas claramente ele ainda controla parte do negócio da heroína no sudoeste africano e continua a ser o maior traficante em Moçambique.

⁵² Paul Fauvet, “A second Mozambican bank fails”, Maputo: AIM em Inglês, 11 de Novembro de 2016. <http://allafrica.com/stories/20161120110.html>

⁵³ O Presidente ruandês, Paul Kagame, a 2 de Agosto de 2009 perdoou Kalisa, que estava a cumprir uma sentença de seis anos de cadeia por corrupção e abuso de funções quando foi presidente e CEO do antigo Bank of Commerce, Development and Industry (BCDI) quando concedeu empréstimos a si próprio e à sua família. Ignatius Suuna, “Alfred Kalisa gets Presidential Pardon”, New Times, 3 Agosto 2010, <http://www.newtimes.co.rw/section/read/22599/>

⁵⁴ AIM Inglês 26 de Novembro 2016, <http://clubofmoçambique.com/news/uba-bank-management-criticises-cta-chief-Moçambique/>

⁵⁵ Procuradoria Provincial da República - Nampula, Comunidade de Imprensa n° 02/PPRN/2017, <http://weeklyxpose.co.za/wp-content/uploads/2017/07/Moçambique-Prosecuting-Authority-release.pdf>

⁵⁶ Sello Theletsane, “R1bn Oil Deal Mess: PIC Boss Matjila Sued”, Weekly Xposé, 26 July 2017. <http://weeklyxpose.co.za/2017/07/26/r1bn-oil-deal-mess-pic-boss-matjila-sued/>

Redes mais flexíveis e a 'gig economy'

As mudanças na Frelimo estão a acontecer quando há mudanças globais nas estruturas do comércio legal e ilegal e precisamente numa altura em que aumentam as remessas de heroína em parte porque maior repressão ao tráfico na Tanzânia e no Quênia mudaram a rota de uma parte significativa do tráfico de heroína na África Oriental para o Norte de Moçambique. Este aumento, e talvez algum do tráfico anteriormente controlado por MBS, mudaram para uma forma completamente nova funcionando em paralelo. Uma fonte chamou a isto uma mudança do crime organizado para "crime desorganizado"; eu vejo-a mais como a adopção da "gig economy", biscate, ou modelo Uber/Airbnb - um mercado de trabalho caracterizado pela prevalência de contratos de curto prazo ou trabalho freelance em oposição a empregos permanentes.

Há duas décadas, barões da droga pelo mundo fora eram figuras públicas com poder político, vistos como beneméritos e interessados em desenvolver as suas comunidades. MBS seguia este modelo. Quando o Presidente Armando Guebuza inaugurou o Maputo Shopping a 22 de Junho de 2006, levou como oferta 50 cadeiras de rodas e 100 000 cadernos escolares.⁵⁷ Mas expôs-se e, paulatinamente, os barões de drogas conhecidos foram capturados. Isto levou a uma mudança para os barões de droga clandestinos. Aconteceu ao mesmo tempo que a economia dominante ia abandonando os empregos permanentes em troca de contratos de curto termo ou outras formas de precariedade. Dentro de Moçambique, a corrupção generalizada na polícia e aparelho de estado tornou mais rápido e fácil usar o habitual suborno da polícia do que a protecção política de alto nível. Finalmente, os "smartphones" e "apps" possibilitaram a comunicação electrónica. A disponibilidade e acessibilidade fácil a uma boa cobertura de telefonia móvel no Norte de Moçambique desde cerca de 2015, faz deste um modelo sensato para fazer expandir aqui o negócio da heroína.

O modelo MBS foi estabelecido com base num comércio aparentemente legítimo a operar através de companhias de comércio oficiais e usando os seus armazéns, hotéis e pessoal. O novo modelo é mais solto e flexível, usando motoristas, pescadores, serviços de entrega, exactamente como se faz em Nova York ou Londres. As pessoas são contratadas e pagas para um trabalho específico, muitas vezes as tarefas são dadas por telefone usando WhatsApp ou Blackberry, que são codificados. Por vezes os que são recrutados já estão envolvidos no comércio ilegal da madeira, marfim, combustível, bebidas alcoólicas e cigarros.

A rede é controlada além fronteiras, particularmente a partir dos Emiratos Árabes Unidos e Dubai, a seguir à detenção de figuras chave na África Oriental; e há controladores locais, a nível mais baixo que MBS ou os Ayoob. Abaixo deles há os subornadores e facilitadores, que são moçambicanos originários ou tanzanianos, particularmente muçulmanos que falam Suaíli, portanto capazes de comunicar e se integrar nas comunidades locais. Os controladores podem ser paquistaneses e há relatos de pequenos grupos de rapazes paquistaneses a estabelecerem em Quelimane e outras cidades, empresas de venda de peças sobressalentes importadas. Tanto o antigo estilo da rede MBS como a nova "gig economy" estão a movimentar heroína através de Moçambique, mas os nossos informadores discordaram sobre qual é o sistema dominante.

⁵⁷ "Maputo Shopping Center: um exemplo de investimento", Notícias, 23 June 2006.

Conclusão

Moçambique é um importante país de trânsito de heroína e o rasto desta heroína passa pelo Afeganistão-Paquistão-Moçambique-África do Sul-Europa. As estimativas são que 10 a 40 toneladas ou mais de heroína passam por ano por esta rota. Este tráfico poderia ainda acrescentar à economia local 100 milhões de US\$ anuais em dinheiro corrupto e está claramente a ter impacto sobre um Estado já corrupto. O tráfico parece estar em crescimento após a acção repressiva das autoridades no Quênia e Tanzânia que obrigam ao desvio do produto para Moçambique.

O negócio foi estabelecido a partir da década de 90 por Mohamed Bachir Suleman, MBS, e controlado ao mais alto nível pelos Presidentes Chissano e Guebuza, indo o dinheiro para o partido Frelimo, figuras seniores da Frelimo e funcionários na polícia e autoridades fiscais. Tem havido até agora um silêncio surpreendente por parte da comunidade internacional porque os doadores têm estado interessados em tratar Moçambique como uma história de sucesso e porque a regulação do negócio parece funcionar, pelo menos a nível doméstico.

Este quadro pode estar a mudar porque a imagem de Moçambique foi manchada pela dívida secreta de 2 biliões de US\$ dos quais metade não está devidamente localizado. Há também uma preocupação crescente em relação ao contrabando do marfim e outros recursos da natureza. Os doadores estão a retirar a sua ajuda e já não precisam de tratar Moçambique como a sua história de sucesso ou filho querido. Entretanto os mais altos na Frelimo e o Presidente Filipe Nyusi parecem distanciar-se do negócio da heroína e permitem alguma repressão ao tráfico.

Mas os telemóveis e o WhatsApp permitiram que emergisse um segundo tipo de tráfico agora descentralizado. E a corrupção generalizada significa que os novos traficantes podem comprar o apoio a níveis mais locais e já não necessitam de apadrinhamento político. Pode agora ser demasiado tarde para o estado e partido no governo mudarem. A corrupção tornou-se endémica e a Frelimo precisa de patrocinadores que o apoiem. O dinheiro deste patrocínio vem de drogas, comissões sobre contratos e dinheiro desviado de projectos. Os partidos da oposição não estão a ameaçar a corrupção e parecem querer o poder apenas para também beneficiar dela.

Pelas suas próprias razões a comunidade internacional permitiu que a Frelimo e o Estado fossem corruptos. A maioria porém, agora parece querer simplesmente afastar-se mantendo apenas o envolvimento suficiente para garantir o acesso aos recursos naturais.

Joseph Hanlon é membro honorário no Departamento de Desenvolvimento Internacional, Escola de Economia e Ciência Política de Londres (LSE). É Editor do Boletim sobre o processo político em Moçambique, publicado pelo Centro de Integridade Pública, CIP, e co-Autor de diversos livros incluindo "Galinhas e Cerveja: uma receita para o crescimento".



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

Parceiros:



Reino dos Países Baixos



Norwegian Embassy

Informação Editorial

Director: Edson Cortez

Equipa técnica: Anastácio Bibiane, Baltazar Fael, Borges Nhamire, Celeste Filipe, Edson Cortez, Egídio Rego, Fátima Mimbire, Inocência Mapisse, Jorge Matine, Stélio Bila

Propriedade: Centro de Integridade Pública
Maquetização: Liliana Mangove

Rua Fernão Melo e Castro,
Bairro da Sommerschild, nº 124
Tel: (+258) 21 499916 | Fax: (+258) 21 499917
Cel: (+258) 82 3016391
f @CIP.Mozambique E @CIPMoz
www.cipmoz.org | Maputo - Moçambique